

# Gêneros do discurso: a história em quadrinhos como ferramenta de ensino

*Discourse Gender: comics as a teaching tool*

ADRIANA RODRIGUES DE SOUZA

Mestranda em Educação pela UFLA. Especialista em Psicopedagogia e Supervisão Escolar. Gestão do Trabalho Pedagógico (Supervisão, Orientação, Inspeção e Administração). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS  
E-mail: [adrianars2007@yahoo.com.br](mailto:adrianars2007@yahoo.com.br)

GILMAR DE PAIVA REIS

Mestrando em Educação pela UFLA. Especialista em Didática e Trabalho Docente pelo IFSUDESTE-MG, campus São João del-Rei. Pedagogo pela UEMG - unidade Barbacena  
E-mail: [gilmarreis.pedagogo@gmail.com](mailto:gilmarreis.pedagogo@gmail.com)

LUCIMARA GRANDO MESQUITA

Mestranda em Letras pela UFLA. Especialista em Didática e Trabalho Docente e graduada em Letras pelo IF Sudeste MG, *Campus* São João del-Rei  
E-mail: [lucigrando123456@hotmail.com](mailto:lucigrando123456@hotmail.com)

---

**Resumo:** Os Gêneros Discursivos, considerados enunciados, devem responder e ao mesmo tempo provocar uma resposta. Dessa forma, a história em quadrinhos, tomada como enunciado, precisa fazer parte do circuito enunciativo de produção, circulação e recepção. Nessa perspectiva, nosso objetivo é refletir sobre o gênero história em quadrinhos a partir das principais características dos Gêneros Discursivos, assim como pretendemos analisar como deve ser pensado o trabalho em sala de aula voltado para o gênero HQ. Assim, para alcançarmos nosso objetivo, o percurso metodológico deste estudo se inicia com os pressupostos teóricos presentes nas discussões do Círculo de Bakhtin. Em seguida, realizaremos uma breve caracterização do gênero HQ e faremos a análise de uma história em quadrinhos selecionada. Na última parte, refletiremos acerca de como devem ser pensadas as atividades em sala de aula com esse gênero. Como resultado, verificamos que, para trabalhar com os gêneros, é necessário considerar o estilo, a construção composicional e o conteúdo temático, e que essas características estão interligadas no todo do enunciado dentro do processo de produção, circulação e recepção. Da mesma forma, foi possível constatar que trabalhar com o gênero HQ em sala de aula contribui para que o aluno compreenda as diferentes funcionalidades da linguagem.

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos. História em Quadrinhos. Sala de aula

**Abstract:** Discursive Genres, considered utterances, must respond and at the same time provoke a response. In this way, the comic strip, taken as utterance, needs to be part of the enunciative circuit of production, circulation and reception. From this perspective, our objective is to reflect on the comic book genre from the main characteristics of the Discursive Genres, as well as we intend to analyze how classroom work aimed at the comic book genre should be thought. Thus, in order to reach our objective, the methodological path of this study begins with the theoretical

assumptions present in the discussions of the Bakhtin Circle. Then, we will perform a brief characterization of the comics genre and analyze a selected comic book. In the last part, we will reflect on how classroom activities with this genre should be thought. As a result, we found that, in order to work with genres, it is necessary to consider style, compositional construction and thematic content, and that these characteristics are interconnected in the whole of the utterance within the production, circulation and reception process. Likewise, it was possible to verify that working with the comics genre in the classroom helps the student to understand the different functionalities of the language.

**Keywords:** Discursive genres. Comics. Classroom.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A necessidade de inovação acerca dos procedimentos de ensino e aprendizagem na sala de aula implica mudanças constantes, devido, principalmente, à evolução tecnológica presente nos dias atuais; para isso, é necessário elaborar atividades mais criativas e voltadas para a vivência do aluno. À vista disso, a escola tem que ministrar os conteúdos programáticos a partir de procedimentos que sejam mais fascinantes e cativantes para os discentes. Para esse fim, visando incentivar o aluno a aprender de uma forma mais prazerosa, a utilização do gênero história em quadrinhos pode ser considerada uma ferramenta de conhecimento enriquecedora.

Assim, a história em quadrinhos pode ser utilizada em sala de aula como metodologia de ensino e aprendizagem, pois uma das peculiaridades desse gênero é possuir uma linguagem objetiva e clara que cativa o aluno, e, assim, facilita e incentiva a aprendizagem. Isso posto, nosso objetivo neste trabalho é refletir sobre o gênero história em quadrinhos a partir de pressupostos da Filosofia da Linguagem acerca das principais características dos Gêneros Discursivos. Da mesma forma, visamos analisar como deve ser pensado o trabalho em sala de aula a partir desse gênero.

Para alcançarmos nossos objetivos, utilizaremos como referencial teórico-metodológico o conceito de Gêneros Discursivos e de enunciado/enunciação<sup>1</sup> presente entre os teóricos do Círculo de Bakhtin. A utilização desse referencial se dá por acreditarmos que esses pressupostos teóricos possibilitam uma resposta e ao mesmo tempo suscitam um dizer acerca do trabalho com gêneros em sala de aula.

Para este estudo, iniciaremos nosso percurso metodológico a partir de uma reflexão acerca dos Gêneros Discursivos e do conceito de enunciado/enunciação e, na seção a seguir, apresentaremos uma breve contextualização sobre a história em quadrinhos, ou seja, as principais características desse gênero. Na sequência, apresentaremos a análise de uma história em quadrinhos para, na última parte deste trabalho, refletir sobre como devem ser pensadas as atividades em sala de aula voltadas para a HQ.

---

<sup>1</sup> O conceito de enunciado/enunciação, para o Círculo de Bakhtin, não é apenas o produto final e sim o todo constitutivo do ato de dizer.

## 2 GÊNEROS DISCURSIVOS: AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Estudos e pesquisas sobre os Gêneros Discursivos têm se tornado cada vez mais frequentes no campo acadêmico, sobretudo, nas áreas de linguagem. Esse fato ocorre devido, principalmente, às diversas formas de comunicações presentes em nossas relações sociais, que se constituem por meio dos gêneros. Essas relações partem desde os textos mais instintivos, os denominados gêneros primários, tais como um bate papo com amigos, um bilhete, entre outros, até aqueles que exigem maior rigor, formalidade e estruturas mais elaboradas como um artigo científico, uma poesia, uma novela, denominados gêneros secundários (BAKHTIN, 2011).

À vista disso, vale ressaltar que tanto os gêneros primários quanto os secundários têm sua relevância social, não estabelecendo assim uma hierarquia entre eles, uma vez que um serve de suporte para o outro, constituindo assim um elo. Bakhtin (2011) faz referência aos gêneros primários como sendo gêneros mais simples e os secundários como sendo mais complexos, entretanto, segundo ele, “não se trata de uma diferença funcional” (p. 263), ou seja, não significa que um seja mais importante do que o outro. Porém, é necessário pensar que, dentro das diversas instâncias humanas, os gêneros vão se transformando.

O gênero secundário é considerado complexo, pois surge como transformação do primário, por exemplo, uma conversa do cotidiano que vai se transformar em uma pesquisa científica. Assim, quando o primário passa a ser secundário ele sofre transformações, ou seja, “[...] perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 282). Logo, esse gênero primário passa a fazer parte da realidade de determinado gênero secundário e este, então, passa a ser considerado complexo, pois “[...] aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN, 2011, p. 282). Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 263):

No processo de sua transformação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais e alheios [...].

Pelo viés bakhtiniano, a classificação entre primários e secundários não é uma tentativa de hierarquizar, visto que a linguagem é viva e os gêneros são reflexos do cotidiano, mas de estabelecer nuances entre primários e secundários. Segundo Grillo (2008, p. 64) “a diferença entre os dois níveis está no maior grau de sistematicidade dos sistemas ideológicos constituídos”. Assim, os aspectos ideológicos nessas duas esferas se apresentam no enunciado falado propriamente dito em nosso cotidiano, ou seja, gêneros primários e na sistematização estética da escrita de uma peça jurídica, de um romance, de uma novela etc., os gêneros secundários. Ainda de acordo com Bakhtin (2011, p. 263):

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.

Portanto, é possível verificar que os gêneros primários se transformam adquirindo um caráter especial ao integrar aos gêneros secundários. Logo, as histórias em quadrinhos podem ser consideradas um gênero secundário, pois, segundo Bakhtin (2011), os secundários surgem, normalmente, na forma escrita e em circunstâncias de comunicação cultural. Assim, como as HQs são narrativas elaboradas que apresentam tanto textos verbais quanto não verbais e possuem características do discurso falado, elas podem ser consideradas como gêneros secundários, pois reempregam, por exemplo, recursos do discurso oral da vida cotidiana. Assim, utilizam recursos da oralidade cotidiana, ou seja, os gêneros primários, a partir disso, elaboram sua escrita passando a fazer parte dos gêneros discursivos secundários, pois essa escrita aparece em situações de comunicação mais complexa e mais evoluída do que a fala cotidiana.

Quando pensamos acerca da distinção dos gêneros discursivos, Bakhtin (2011, p. 263) afirma que “não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza do enunciado”. Logo, não se devem pensar os gêneros como uma lista de características, pois existe muita heterogeneidade e, com isso, não tem como apenas classificá-los, uma vez que não há algo estrutural em si que possa definir e gerar essas classificações.

De acordo com Bakhtin (2011), os Gêneros Discursivos estão para além de estabelecer os sinais da língua escrita e simplesmente interpretar o significado das palavras ou sentenças, ou seja, a mera codificação e decodificação da visão estruturalista. Os gêneros, segundo o russo, são constituídos historicamente a partir dos usos e experimentos socialmente vividos em um dado momento da humanidade.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados" (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 261)

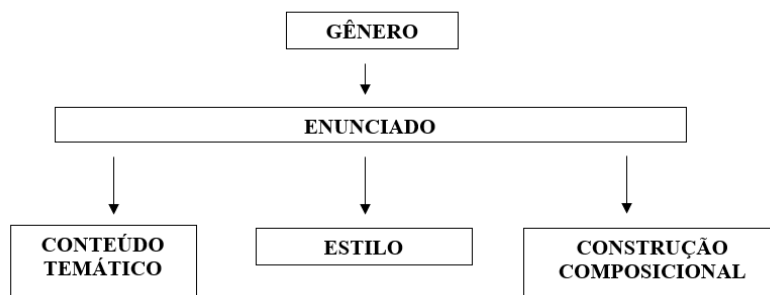
Podemos perceber, a partir dessa citação, que, para Bakhtin, os gêneros estão presentes nas diferentes esferas da atividade humana e por isso não é possível se referir a eles sem pensar em seu uso. Portanto, é possível compreender que os gêneros serão

considerados enunciados desde que participem do circuito enunciativo no qual vão, simultaneamente, responder e provocar uma resposta.

Segundo Volochinov (2013), um dos pesquisadores do Círculo de Bakhtin, o conceito de enunciado compreende não apenas o produto final, mas o processo como um todo, ou seja, o processo de dizer. Nas palavras do pesquisador: “qualquer enunciação, também aquela escrita, completa, responde a alguma coisa e é orientada para uma resposta. Ela não é senão um anel da cadeia ininterrupta constituída pelas enunciações” (p. 118). Portanto, o gênero é considerado enunciado desde que participe do circuito no qual responde e ao mesmo tempo provoque uma nova resposta, ou seja, “todo enunciado, mesmo quando escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta” (p. 169).

Quanto às características presentes nos gêneros, Bakhtin (2011) vai dizer que eles se organizam “por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (p. 261). Para melhor esclarecimento acerca dessas peculiaridades, apresentamos a figura abaixo:

**Figura 1** – Características dos gêneros



Fonte: baseada em Bakhtin, 2011.

De acordo com o pesquisador, todos esses três elementos (o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional) estão interligados no conjunto da construção do enunciado. Vamos, a partir de agora, refletir acerca de cada uma dessas três características presentes nos gêneros.

Sobre o tema, Volochinov (2017, p. 241) diz:

O tema da enunciação é determinado não só pela forma linguística que entraram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação, se perdemos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ele pertence. Somente uma enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema.

Portanto, segundo os pressupostos do Círculo de Bakhtin, o tema não pode ser considerado simplesmente o assunto, da mesma forma que não é possível que ele se repita. Nas palavras de Grillo e Américo (2018, p. 368), o tema “é o limite superior e indivisível da capacidade de significar; ele é o aspecto mutável e instável do significar, pois está ligado ao todo do enunciado na sua relação com a situação histórica concreta”. Dessa maneira, o tema precisa ser uma compreensão responsiva relacionada aos campos de atuação no qual o gênero circula.

Quanto à construção composicional, segundo os teóricos do Círculo, é a organização e o acabamento do enunciado e do texto como um todo, está relacionado à estrutura, à progressão temática e são as formas linguísticas que utilizamos para dizer o que queremos dizer, para gerar o sentido desejado. Nas palavras de Bakhtin (2011), os “enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo [...] acima de tudo, por sua *construção composicional*” (p. 261, grifos nossos). Assim, essa construção composicional é o acabamento geral do gênero, ou seja, precisa levar em consideração a estrutura formal e a articulação de todas as partes direcionadas para um fim específico.

Já o estilo, nas palavras de Bakhtin (2011, p. 266), “integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento”. O estilo deve considerar a posição do sujeito, e, no caso da história em quadrinhos, por exemplo, deve considerar como o aluno está estabelecendo a relação desse gênero com o lugar que ele está ocupando no espaço e no tempo. Dessa maneira, deve-se levar em conta a forma como o sujeito interpreta o HQ, uma vez que “todo enunciado [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Portanto, segundo o Círculo de Bakhtin, os gêneros acontecem em esferas da atividade humana e em situações concretas por meio do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional. Assim, esses gêneros devem ser adequados à situação sócio-histórico, uma vez que eles são organizados e legitimados pela instância da atividade humana. Desse modo, se os gêneros são enunciados, precisamos trabalhar com esses gêneros da mesma forma, ou seja, retomando algo e ao mesmo tempo provocando uma resposta. Logo, não é possível estudar nenhum gênero só a partir das suas características formais, pois é necessário considerar o circuito enunciativo, ou seja, é preciso pensar que são sujeitos interagindo em situações concretas, assim, considerar a produção, a circulação e a recepção do gênero trabalhado. Nesse sentido, quando pensamos no gênero história em quadrinhos trabalhados em sala de aula, precisamos considerar a situação concreta no qual esse gênero irá circular, assim como pensar a maneira como será apresentado para os alunos, portanto, considerar a circulação, recepção e produção.

Partindo dessa inferência, é relevante enfatizar que o uso do gênero extrapola suas características formais e sua análise estrutural, pois necessita ser considerado em tempo maior, ou seja, considerando todo o contexto no qual ele está implicado, visto que o gênero parte de uma recriação que o antecedeu e provoca uma resposta posterior. Desse modo, o percebemos como produto e processo. Diante do exposto, a produção de um gênero (como?, quem?), a circulação (a quem se destina?) e a recepção (quem o

recebe?) tornam-se basilares para o trabalho pedagógico com gêneros, especificamente com HQs, eixo da análise em estudo.

Discorrer sobre esse processo de produção, circulação e recepção dos gêneros significa ir além de fatores externos para o entendimento de um enunciado: eles se constituem como parte fundamental que possibilita a construção de sentidos por um sujeito posicionado. Assim, concebemos que os sujeitos nesse decurso discursivo-enunciativo estão interagindo em situações concretas por atividades sociais que se correlacionam ao uso da linguagem, que concebem os gêneros como ações discursivas recorrentes. A reflexão sobre esses processos (produção, circulação e recepção) elucida como as palavras do autor e do leitor se confrontam para a produção de sentidos - já que, sozinhas, essas palavras não produzem sentido - através da escuta e de uma atitude produtiva (GERALDI, 2006).

Dessa forma, ao considerarmos esse processo enunciativo acerca do gênero história em quadrinhos em sala de aula, precisamos verificar quem produziu a HQ a ser trabalhada; ver qual o posicionamento ideológico e quais as esferas de atividade que está circulando, ou seja, site, jornal, revista, entre outros; e para quem será destinado esse gênero, no caso da nossa pesquisa, a sala de aula. Da mesma forma, verificar quais os conhecimentos que o aluno possui sobre esse gênero e quais são as expectativas que ele tem ao ler esse texto.

Nesta parte do trabalho, apresentamos uma discussão sobre os Gêneros Discursivos, definindo os elementos que os integram e que são indissociáveis, como tema, conteúdo composicional e estilo; assim como refletimos sobre o conceito de enunciado e a tríade de produção, circulação e recepção. Para tal, foi realizada uma reflexão e análise das leituras do Círculo de Bakhtin, com enfoque no texto *Gêneros do Discurso*, organizado e traduzido por Paulo Bezerra. Na seção a seguir, apresentaremos as principais características do gênero história em quadrinhos, assim como seu uso e os meios pelos quais ele circula.

### 3 HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

No decorrer do nosso cotidiano, facilmente nos deparamos com vários tipos de textos, sendo que alguns deles apresentam certas peculiaridades que os diferenciam e os tornam particulares em sua maneira de retratar a realidade, o mundo e o próprio indivíduo. Dessa forma, podemos ilustrar vários exemplos de textos que possuem esse propósito, mas, para este trabalho, vamos nos ater a gêneros específicos, como a história em quadrinhos (HQ), pela composição e sistematização que elas apresentam. Nesse sentido, utilizaremos esse gênero por sua função crítico-reflexiva, pois é de grande relevância para construção de leitores capazes de perceber e analisar a realidade com mais criticidade. Logo, a inclinação a esses gêneros se mostra pertinente por estarem presentes no cotidiano e em grande circulação, através de jornais impressos ou digitais, blogs, revistas, sites, redes sociais, além do livro didático.

As histórias em quadrinhos são enredos narrados quadro a quadro por meio de desenhos e textos que apresentam uma leitura de fácil compreensão e, por isso, bem prazerosa, por veicular a combinação desses elementos. Segundo Santos e Silva (2020),

ao considerar que as HQs são produzidas numa determinada cultura, elas e suas temáticas se tecem e se constituem em diferentes esferas da atividade humana, por meio das diferentes linguagens. Para esses pesquisadores as histórias em quadrinhos são como uma arte sequencial, ou seja, “uma forma de linguagem que combina imagem e texto por meio do encadeamento de quadros, narra uma história ou ilustra uma situação” (p. 54).

Quanto à origem desse gênero, conforme Santos e Silva (2020), a divulgação de uma história a partir de imagens com cenas do cotidiano teve seu princípio já com as pinturas rupestres dos homens das cavernas, assim também como os egípcios que utilizavam hieróglifos, misturando desenhos com letras para retratar as histórias dos deuses e faraós. Na contemporaneidade, de acordo com Oliveira (2008), a criação da história em quadrinhos de Richard Felton Outcault, em 1895, nos Estados Unidos foi considerada por muitos como a pioneira no mundo moderno e trazia o personagem Yellow Kid, com histórias semanais de um garoto de camisolão amarelo, cabeça grande e enormes orelhas.

Santos e Silva (2020) destacam que a primeira publicação em quadrinhos no Brasil foi a revista *Tico-Tico*, em 1905, destinada às crianças; no século XX, as histórias em quadrinhos alcançaram um público maior devido a sua publicação em outros meios de comunicação. Assim, nas palavras desses pesquisadores, o uso das histórias em quadrinhos incita um olhar crítico, desenvolvendo a percepção criativa de maneira simples e agradável. Portanto, compete à HQ: “[...] despertar a criatividade, provocar a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico e a imaginação criadora, pois possui uma linguagem simples, curta e é apresentada em quadros coloridos” (p. 8).

Ainda discorrendo sobre essa questão, Braga e Gomes (2019) vão dizer que uma das características do gênero HQ é a grande diversidade de temas que ele aborda. Seu conteúdo pode variar desde assuntos sobre futebol, cinema, culinária, teatro, a assuntos de teor científico, numa vasta gama temática. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos apresentam um propósito narrativo com base no discurso humorístico, geralmente através de piadas. Da mesma forma, apresentam um elemento linguístico que permite a quebra da expectativa, ou seja, uma explicação de como o humor é produzido e, com isso, conduzindo o leitor a interpretar o texto.

Assim as HQs se estruturam como uma narrativa que denota os seguintes elementos: personagens, enredo, lugar, tempo e desfecho. Nessa narrativa, podemos apontar que os personagens dialogam de diferentes maneiras. Assim, as falas e os pensamentos deles são apresentados através de formas gráficas representadas por balões para manifestar de maneira mais eficiente o que está sendo enunciado ou pensado de acordo com a história.

De acordo com Moterani e Menegassi (2009), conforme as falas se desenvolvem na HQ, o formato dos balões se modifica, pois eles apresentam diferentes funções. Entre eles podemos citar os balões com linhas contínuas que representam uma fala comum; os balões que possuem linhas curvas (em formato de nuvem) expressam pensamentos; balões com linhas pontilhadas indicam sussurros do personagem. Há os balões que indicam uma mensagem eletrônica, representados por linhas contínuas e ponta em forma de raio. Os balões com contornos irregulares ou tremidos exprimem gritos.



Dessa forma, quando ocorre uma fala simultânea de mais personagens, representa-se a fala através de um balão com várias pontas, contudo, quando há uma sequência de falas de um mesmo personagem, os balões são encadeados. Portanto, cada efeito que o balão confere à expressão dos personagens se compreende através das variações que o contorno do balão evidencia. Outra característica marcante das histórias em quadrinhos é a existência das onomatopeias e interjeições. As onomatopeias são a reprodução dos sons de ruídos, movimentos, barulhos de pessoas, animais e objetos através de palavras, já as interjeições são palavras ou expressões que revelam emoções e sentimentos.

Nesta parte do trabalho, apresentamos as principais características do gênero história em quadrinhos. Na seção a seguir, será realizada uma análise de uma história em quadrinhos buscando uma compreensão desse gênero a partir dos referenciais expostos anteriormente, e, principalmente, considerando as informações presentes nesse HQ, em específico.

#### 4 HISTÓRIA EM QUADRINHOS: O ENUNCIADO CONCRETO DESSE GÊNERO

A prática docente mediada por gêneros, entendidos como enunciados, oportuniza uma aprendizagem de forma autônoma, que incita o pensamento reflexivo no qual o sujeito se torna apto a apropriar-se da linguagem. Dessa maneira, ao se trabalhar com o gênero história em quadrinhos, há muitos recursos a explorar, como a imagem, as entrelinhas, a oralidade, interpretação, inferências, o que favorece a relação entre o trabalho em sala de aula com a realidade do aluno, pois considerar seus conhecimentos prévios e seu cotidiano possibilita a construção de sentidos.

À vista disso, através de uma abordagem bakhtiniana, analisaremos a história em quadrinhos de Hagar (Figura 2), tendo como perspectiva o olhar sobre o tratamento dos Gêneros Discursivos em seus aspectos fundamentais que são o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, assim como refletindo sobre esse gênero como enunciado e verificando o processo enunciativo de produção, circulação e recepção dele.

Figura 1 – História em quadrinhos – Helga e Hagar



Fonte: <http://www.acessaber.com.br>.

Essa história em quadrinhos traz os protagonistas Helga e Hagar que, de acordo com Ribeiro (2007), foram criados em 1971 por Dick Brown e distribuídos a 58 países e 13 idiomas. Hagar ilustra um guerreiro viking brusco e voraz, que se identifica com uma figura machista. Ele representa tanto um guerreiro valente quanto um homem de família e sempre aparece discutindo com sua esposa. Já Helga, com seus cabelos loiros, está sempre com seu avental e representa uma dona de casa bem mandona e temperamental. Ela sempre aparece discutindo com o marido por causa dos hábitos dele, principalmente os de higiene pessoal.

A partir de agora vamos refletir sobre esse HQ nos baseando nos referenciais teóricos bakhtinianos, ou seja, pensando nas características presentes nos Gêneros Discursivos. Assim, com relação ao conteúdo temático, é necessário pensar que não se trata simplesmente do assunto abordado na história em quadrinhos analisada, pois é preciso considerar os sujeitos que produziram esse gênero, ou seja, como eles se relacionam com outros grupos em situações históricas concretas e como essas situações estão acontecendo. Nesse sentido, o HQ analisado neste estudo nos remete à situação da figura feminina, na qual a mulher tem na figura de Helga a desconstrução do estereótipo da esposa submissa, frágil, para se configurar como chefe do lar, a que manda e dá sempre a última palavra.

Pensando no conteúdo temático e considerando o trabalho com esse gênero em sala de aula como um acontecimento concreto, precisamos considerar tanto o criador/produtor desse texto como o sujeito/aluno. Segundo Bakhtin (2011, p. 128), o tema é “determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação”. Dessa forma, a construção composicional acontece por meio da esfera na qual o gênero circula, e no caso do texto analisado neste trabalho, a esfera de circulação é a sala de aula. Logo, o conteúdo temático é mais do que o assunto abordado na HQ, pois envolve, também, sujeitos concretos realizando uma atividade com um enunciado também concreto, que, nesse exemplo, faz referências ao produtor do HQ e ao aluno.

Portanto, para considerar o tema de um determinado gênero, não podemos restringi-lo simplesmente ao assunto, pois reflete a ideia de que diferentes textos podem abordar o mesmo assunto. Nesse viés, e pensando nas diferentes temáticas que um HQ pode abordar, pois a escolha desse tema depende do propósito e da intenção do autor, como temas que envolvem desde assuntos políticos, econômicos até questões corriqueiras do dia a dia – no caso do HQ em questão, a temática abordada são as situações do cotidiano. Essa temática é muito comum nas tiras de Hagar que, apesar de apresentarem um cenário que nos remete a tempos antigos, trazem sempre conteúdos que apontam para a realidade, abordando o cotidiano familiar por um viés machista.

Quanto ao estilo, é necessário considerar a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Assim, é fundamental a compreensão de que o estilo é individual e o sujeito é o responsável pelas escolhas que irá utilizar em sua escrita. Nesse sentido, podemos destacar o uso, por Helga, do verbo no imperativo, indicando uma ordem a Hagar. Percebe-se que o estilo se aproxima dos demais elementos constitutivos do Gênero Discursivo, pois, no âmbito da atividade humana, a linguagem lhe é inerente. Também é notável o uso de uma linguagem

informal, de cunho irônico, que demonstra marcas de estilo e consolida a intenção do locutor em alcançar o leitor.

Sendo assim, o estilo será tanto as escolhas gramaticais quanto os argumentos selecionados durante a produção e é baseado na esfera de atividade na qual o sujeito está inserido e vai selecionar as palavras e organizar suas ideias. Assim, ao pensar acerca da história em quadrinhos, devemos considerar não apenas a forma como o sujeito escreve, mas também o campo de atividade do qual esse sujeito participa, e sua interação com o outro. Nessa perspectiva, os recursos linguísticos empregados na história em quadrinhos em análise apresentam como característica um diálogo entre Helga e Hagar no qual, no primeiro quadro, a conversa entre a esposa e seu marido simula uma situação familiar cotidiana em que ela recorre ao marido para que ele a ajude nas tarefas que demandam mais esforço.

Já quanto à estrutura composicional, devemos considerar a articulação de todas as partes do gênero direcionadas para um fim específico; no caso do gênero HQs, essa estrutura vai estar relacionada à disposição das informações apresentadas. Assim, na tira de Hagar, identificamos a presença da linguagem verbal distribuída em três quadros sequenciais, através da observação das falas identificadas pela presença de balões com linhas contínuas que representam o diálogo entre os personagens e, no último quadro, o pensamento de Hagar, simbolizado por um balão com linhas curvas, em formato de nuvem.

Assim, a construção composicional deve considerar os modelos de determinado campo de atividade e as possibilidades de comunicação, pois essa construção permite a compreensão da finalidade de uma determinada esfera. Logo, a linguagem não verbal presente na história em quadrinhos do Hagar é explicitamente notada mediante expressões faciais e corporais dos personagens na narrativa. Moterani e Menegassi (2009, p. 243), afirmam que “os recursos comunicativos estão atrelados à linguagem visual, visto que, se separados, nenhum dos dois dá conta de transmitir a mensagem do texto”.

A partir da análise acerca das características que, segundo Bakhtin (2011), fazem parte da composição dos gêneros, é necessário refletir acerca desse texto como enunciado. Nesse sentido, o enunciado como algo que responde e provoca uma resposta pode ser considerado como uma intenção e uma realização por parte do autor do texto. Segundo Bakhtin (2011), o enunciado se define em sua relação com o objeto e com o sujeito, assim também na relação com outros enunciados num dado campo de comunicação. Portanto, a ligação entre conteúdo, estilo e construção, associados a um enunciado num círculo comunicativo compõem um determinado gênero.

Assim, como os Gêneros do Discurso são tipos estáveis de enunciados, é preciso considerar suas condições de produção, circulação e recepção, visto que os sujeitos interagem em situações concretas. Nessa perspectiva, sabemos que os alunos/leitores da HQ exposta acima compartilham informações diversas e isso proporciona a atribuição de sentidos à leitura, uma vez que estabelecem inferências com leituras realizadas anteriormente.

Quando pensamos no gênero como enunciado precisamos refletir acerca deste como resposta a algo e ao mesmo tempo suscitando um dizer. Dessa forma, podemos observar que a história em quadrinhos, apresentada neste trabalho, visa responder a uma situação da mulher diante de uma sociedade machista que discrimina o sujeito em

função do gênero. E como resposta a esse dizer temos, a partir da linguagem verbal e não verbal presente nesse HQ, a compreensão da imposição da mulher frente a esse preconceito sofrido durante décadas.

Quanto à circulação desse gênero, sabemos que ele circula por várias esferas, ou seja, diferentes meios de comunicação, como jornais, revistas físicas e virtuais, blogs, sites, redes sociais e livros didáticos. Assim, quando pensamos na circulação na esfera escolar, no qual os alunos são os receptores desse enunciado, compreendemos que a produção desse HQ visa alcançar o sujeito na construção de sua identidade leitora em suas potencialidades comunicativas.

Portanto, constatamos que o gênero HQ, quando trabalhado como enunciado concreto, ou seja, observando a esfera de atividade no qual está circulando e, principalmente, considerando os sujeitos envolvidos no processo, pode contribuir significativamente para os diferentes mecanismos de funcionamento da linguagem, em diferentes situações de enunciação. Assim, esse HQ como parte de uma atividade desenvolvida em sala de aula responde de forma positiva, pois cria possibilidades de compreensão, por parte do aluno, fazendo com que a realização dessa atividade se torne prazerosa e fundamental para o processo de ensino aprendizagem do discente.

Na seção a seguir, propomos uma reflexão acerca de como deve ser pensado o trabalho com a historinha em quadrinho em sala de aula a partir das principais características presentes nos Gêneros Discursivos, considerando-o como enunciado a partir do seu processo de circulação, recepção e produção desse gênero.

## **5 HISTÓRIA EM QUADRINHOS: COMO TRABALHAR ESSE GÊNEROS EM SALA DE AULA**

Há muitas diretrizes educacionais que apontam o uso de textos com diferentes linguagens como caminhos facilitadores da aprendizagem e formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de realizar análises mais aprofundadas e sistematizadas. Nesse viés, uma das diretrizes, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), indica que, ao selecionar os textos para serem trabalhados em sala de aula, é necessário observar a relevância deles, de modo a oportunizar a criticidade do sujeito. Assim, segundo essas diretrizes:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p. 24)

Portanto, o objetivo principal ao escolher um gênero para trabalhar em sala de aula é proporcionar aos discentes caminhos que os levem a pensar, consciente e criticamente, o seu meio social e educacional, ou seja, formar sujeitos capazes de agir sobre o mundo e, assim, poder transformá-lo. Desse modo, compreendemos que a

utilização das histórias em quadrinhos, quando trabalhadas como gênero discursivo, ou seja, como enunciado, proporciona a construção crítica do pensamento do discente.

Nessa perspectiva, a história em quadrinho é um texto e quando pensamos no conceito deste vemos que são muitas as possibilidades conceituais dependendo da vertente teórica, porém, para este trabalho, o texto é visto como uma unidade de análise que pressupõe uma relação entre o sujeito leitor e o sujeito produtor, a partir da produção, circulação e recepção. Portanto, um texto só tem sentido a partir dessa interação, pois é essa relação que possibilita o conhecimento de mundo do leitor com o conhecimento apresentado no texto, dito de outro modo, os sentidos de um texto são constituídos na interação entre o eu e o outro. À vista disso, ao se trabalhar com o gênero história em quadrinhos em sala de aula, precisa-se considerar que o aluno não é um indivíduo qualquer, ou seja, ele é um sujeito que não pode ser considerado como um ser passivo diante desse texto.

Como citado anteriormente, as HQs são ferramentas facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem, pois apresentam uma linguagem verbal e não verbal, de maneira simples, clara e objetiva, assim como retratam situações contextualizadas que envolvem os sujeitos. A partir dessa premissa, podemos afirmar que o ensino a partir desse gênero é capaz de despertar o interesse do aluno e torná-lo sujeito atuante, reflexivo e crítico, pois torna possível a habilidade de construção de sentidos. Portanto, durante o trabalho em sala de aula é necessário considerar, também, o leitor/aluno como corresponsável pela construção de sentido do gênero trabalhado. Segundo Geraldi (2011, p. 34):

Em geral, quando se fala em ensino, uma questão prévia – para que ensinamos o que ensinamos? E sua correlata: para que as crianças aprendem o que aprendem? – é esquecida em benefício de discussões sobre o como ensinar, o quando ensinar, o que ensinar etc. Parece-me, no entanto, que a resposta ao “para que” dará efetivamente as diretrizes básicas das respostas.

Diante dessa questão levantada pelo pesquisador, analisamos a importância em se trabalhar com gêneros em sala de aula, especificamente, a relevância do trabalho com as histórias em quadrinhos. Desse modo, por meio da atividade mediada pelo emprego das HQs, percebemos que a proposta instiga a percepção de outros sentidos além do que está evidente. Sempre há um objetivo atendendo a ambiguidades presentes, com informações implícitas, como uma crítica ou um argumento com finalidade específica que dialoga com as práticas sociais. Sendo assim, o trabalho com esse gênero permite uma visão ampla que induz o aluno à reflexão, à interpretação e à crítica, compreendendo o mundo da leitura e da escrita e também seu próprio mundo, com isso, “a existência não apenas é refletida no signo, mas também é refratada nele” (VOLOCHINOV, 2017, p, 112).

Portanto, em face do exposto e concordando com Geraldi (2011), quando ele afirma que a linguagem é uma forma de interação que é capaz de possibilitar ao sujeito que fala uma ação, podemos compreender que as atividades com HQs em sala de aula,

além de possibilitar aos alunos um melhor entendimento acerca do conteúdo, fazem com que esses alunos tenham um melhor desempenho no processo de aprendizagem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o objetivo foi refletir sobre o gênero história em quadrinhos, observando as construções de sentido acerca das principais características dos Gêneros Discursivos. Da mesma forma, visamos analisar como deve ser pensado o trabalho em sala de aula a partir desse gênero. À vista disso, por meio do presente estudo, verificamos que, para se trabalhar com o gênero HQ em sala de aula, precisa-se considerar o circuito enunciativo de produção, circulação e recepção, uma vez que é indispensável levar em consideração o sujeito presente nesse processo.

Desse modo, verificamos que trabalhar esse gênero em sala de aula contribui para uma práxis que condiz com a proposta de ensino apresentada, por exemplo, nos PCNs, ou seja, uma prática voltada para o ensino dos gêneros orientada para a realidade do discente. Inferimos, também, que trabalhar HQ a partir do conceito de Gênero Discursivo proporciona ao aluno compreender as diferentes funcionalidades da linguagem, da mesma forma que torna a atividade mais prazerosa e, com isso, faz com que o sujeito tenha maior interesse pelo assunto abordado, pois, a partir do momento em que as atividades são voltadas para a realidade do aluno, o interesse, consequentemente, aumenta.

Foi possível verificar ainda que é necessário trabalhar os gêneros em sala de aula a partir do meio social no qual o aluno está inserido. Assim, o trabalho com os HQs encadeia uma série de possibilidades, conforme seu conteúdo, contribuindo para a construção de diferentes perspectivas do aluno relativas a sua conjuntura, pois sua função social vai além de uma simples atividade de leitura e escrita, com teor humorístico. Ela suscita o pensamento crítico e reflexivo e a produção de inferências, características que são fundamentais para que o sujeito possa posicionar-se no mundo e agir sobre ele de maneira a transformá-lo.

Observamos também, quanto aos gêneros primários e secundários, que a história em quadrinhos tem características do gênero primário ao apresentar falas do cotidiano, mas a partir da elaboração de uma escrita mais completa passa a fazer parte do gênero secundário, pois surgem na forma escrita reempregando, por exemplo, recursos do discurso oral da vida cotidiana em situações de comunicação mais complexa e mais evoluída do que a fala cotidiana.

Portanto, compreendemos que, para trabalhar com os gêneros, é necessário considerar as três características, que, segundo os estudos do Círculo de Bakhtin, são inseparáveis e estão interligadas no todo do enunciado. Nesse sentido, pensando no caso específico do gênero história em quadrinhos e suas aplicabilidades nas práticas escolares, acreditamos que ela tem grande relevância no trabalho em sala de aula. Dessa perspectiva, trabalhar o gênero historinha em quadrinhos a partir do conceito de enunciado, ou seja, por um viés bakhtiniano, possibilita, a partir das múltiplas linguagens existentes nesse texto, que haja interação e diálogo entre os envolvidos no

processo de construção de conhecimento, uma vez que esse gênero possui, além de um humor crítico, diversas possibilidades de sentidos.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAGA, José Gomes; GOMES, Raimundo Francisco. Análise de aspectos morfológicos da língua nos gêneros textuais tirinhas e charges. **Leitura, literatura e linguagens**, Campo Grande: Editora Inovar, 2019. Disponível em: <http://www.famep.com.br/repositorio/ebook/livro-leitura-literatura-e-linguagens.pdf#page=40>.

BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula: leitura e produção. GERALDI, João Wanderley (org.) **Escrita, uso da Escrita e Avaliação**. Ática: São Paulo, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO Ekaterine Vólkova. Glossário. In: VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 52, n. 1, 2008.

MOTERANI, Natália Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. A organização composicional da tira em quadrinhos. **Web Revista SIGNUM: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 225-246, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4927>.

MOTERANI, Natália Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. Conforme concepção bakhtiniana. Encontro internacional de produção científica, 2011, Maringá. **Anais Eletrônico VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica**. CESUMAR – Centro Universitário de Maringá: Editora CESUMAR Maringá (PR), Brasil. Disponível em: [https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/tatiane\\_henrique\\_sousa\\_machado2.pdf](https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/tatiane_henrique_sousa_machado2.pdf).

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. **A arte dos quadrinhos e o literário**: a contribuição do diálogo entre o verbal e o visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da Cultura. 2008. 207 p. Tese (Doutorado em Letras - Letras Clássicas) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Antônio Luiz. Hägar, O Horrível. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/hagar-o-horrivel/897>.

SANTOS, Milena dos; SILVA, Cícero da. O gênero história em quadrinhos no ensino: uma análise de livro didático de língua portuguesa. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 10, n. 29, p. 101 - 121, jul. 2020. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/239>.

VOLOCHINOV, Valentin N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo/SP: 34, 2017.

VOLOCHINOV, Valentin N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.